A HISTÓRIA DE DANIELA

R.JUSTINO

A história de Daniela

DESVENTURAS E SUPERAÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paula, Renan Justino de
A história de Daniela : desventuras e superação / Renan Justino de Paula ; [ilustrações do autor]. -- 1. ed. -- Manaus, AM : Ed. do Autor, 2020.

ISBN 978-65-00046-49-6

1. Atitude - Mudanças 2. Autoajuda 3. Autoestima 4. Experiência de vida 5. Literatura brasileira 6. Relatos 7. Superação I. Titulo.

20-39068 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Dedicatória

Dedico essa narrativa a todas as pessoas que nunca, nunca, nunca desistem. Mesmo quando o mundo parece estar contra seus planos e sonhos, mesmo quando tudo lhe é tirado. E em especial, a Daniela, que foi fonte inspiradora para essa obra. Vida esta, que surpreendentemente, transpôs todas as adversidades impostas a ela.

Sumário

CAPÍTULO 1 - **Daniela** **9**
CAPÍTULO 2 - **1963** **14**
CAPÍTULO 3 - **A primeira perda** **18**
CAPÍTULO 4 - **A segunda perda** **23**
CAPÍTULO 5 - **A volta dos "mortos"** **27**
CAPÍTULO 6 - **A separação** **35**
CAPÍTULO 7 - **As tarefas** **38**
CAPÍTULO 8 - **Às noites** **43**
CAPÍTULO 9 - **O Suicídio** **46**
CAPÍTULO 10 - **O Primeiro e O Primeiro** **51**
CAPÍTULO 11 - **A vida sozinha** **57**
CAPÍTULO 12 - **A vingança** **60**
CAPÍTULO 13 - **A Proposta** **64**
CAPÍTULO 14 - **O pacto** **71**
CAPÍTULO 15 - **A Fera do poço** **79**
CAPÍTULO 16 - **A última gota** **84**
CAPÍTULO 17 - **O "vizinho"** **88**
CAPÍTULO 18 - **Nascimento do Sexto** **92**
CAPÍTULO 19 - **O arrependimento** **98**
CAPÍTULO 20 - **Ingratidão** **105**

CAPÍTULO 21 - **A boa filha a casa torna..... 108**
CAPÍTULO 22 - **Para nunca mais 113**
CAPÍTULO 23 - **Ventura e desventura 126**
CAPÍTULO 24 - **A surpresa..... 134**
CAPÍTULO 25 - **O retorno de Segunda 141**
CAPÍTULO 26 - **O retorno de terceira..... 145**
CAPÍTULO 27 - **Hoje 156**
CAPÍTULO 28 - **Os dez..... 160**
CAPÍTULO 29 - **Daniela..... 165**

CAPÍTULO 1

Daniela

Feche os olhos por alguns instantes, ela tem apenas quatro anos, com cabelos soltos ao vento, corre descalça entre a plantação do avô. Terra farta, tinha tudo o que queria, o "mundo era seu", aliás, ela não estava nem aí para o mundo.

Sabe vida de criança de interior? Tudo estava ao seu alcance, pegava o que queria, coitado do avô, jurava que havia algum bicho que comia suas melancias, mal ele sabia que era o bicho do mato Daniela, sua netinha que devorava quase toda uma melancia maior que ela mesma. As manhãs eram de puras aventuras: escaladas em arvores, nados em rios e pescas. E por falar em pesca, era sempre na

companhia de seu irmão Danilo, poucos anos mais velho. Certa vez em uma dessas pescarias.

O trio de curumins estava formado: Sueli, Danilo e Daniela. Danilo na proa da canoa ia conduzindo o caminho da aventura, e as duas na poupa, observando o irmão a lançar o caniço com anzol no lago. Em um desses arremessos, o anzol engatou na pálpebra de Sueli e aja o garoto a puxar. A garota não falava nada, e nem chorava, só gemia bem baixinho, enquanto o sangue escorria, bem, nada de grave aconteceu, mas isso lhes renderam uma boa peia.

Mas nem sempre foi assim, o preconceito e a intolerância em nome da "moral e bons costumes", já se faziam presentes, e de maneira covarde vitimava uma pequena Brasileirinha. Fruto de um inexato amor, entre Alcinda e um moço da cidade grande, que ficara na região, por algum tempo. E que jurara ter se apaixonado por ela, e a engravida. O rapaz por sua vez, quando soube que sua ilusa "amada" estava a esperar um filho seu, se dar em fuga para não assumir o compromisso e nunca mais foi visto.

Hora, era costume da época, as moças se casarem muito cedo, para sair da casa dos pais. E quando uma mulher, se encontrava na situação de mãe solteira, esta era discriminada e hostilizada pela sociedade, e muito mais ainda pela família, e se tonara motivo de vergonha e desprezo.

Alcinda era apenas, uma adolescente de quatorze anos quando isso tudo aconteceu. O desprezo e rejeição passou a ser seus parceirosreputada e era reputada como a vergonha da família.

Embora toda essa infâmia, sempre que podia, tentava andar com a cabeça erguida.

Foi em uma festa de cidade de interior, que Alcinda sentada, próximo ao pai, não percebeu, que um jovem homem lhe fitara os olhos, era João Justino. Este, tufando os peitos cheios de ar, encorajando-se, vai em sua direção e a toma pelas mãos:

— Me concede uma dança? Indaga o rapaz. O pai num ímpeto de estupideis, retruca:

— Deixe ela aí, essa daí, é uma "puta". Embora aquela inconveniente declaração, o chocasse repentinamente, o moço não ligou para os rompantes do pai de Alcinda, e além de dançar com ela, investiu em conquistar a sua desejada.

Para o pai, o interesse do rapaz, era mais que bem-vindo, pois na concepção dele, de patriarca da família, a investida do rapaz, amenizava a vergonha que sentira de sua filha. Tempos passaram e Alcinda dá à luz, a Daniela de Castro Justino, assim, João a reconheceu como sua filha, uma cabocla, assim são chamados quem é nascido no interior do estado do AM – Amazonas. Exatamente no município de Coari, em um comunidade por nome de Santa Rosa.

CAPÍTULO 2

1963

Um plebiscito escolherá o sistema presidencialista no Brasil.

Logo que nasceu, a pequena sofre um caso de tentativa de infanticídio exercido pelo avô. A cena chocante e traumatizante retrata um triste, mas real cenário de muitos casos ocorridos, não apenas um caso isolado de um pequeno município, mas um problema mundial. A recém-nascida foi jogada em cima de um formigueiro para ser devorada pelas formigas, embora o plano original de seu avô, fosse joga-la no meio do rio para morrer afogada ou devorada por alguma fera das aguas. Tal fato deixou marcas em sua perna esquerda para sempre e embora as feridas cicatrizaram, mas as feridas da alma, levou algum

tempo para curar. Tudo para mostrar o descontentamento que ele tinha a esse "desgosto" de ter uma filha gravida por outro homem. Com tudo sua avó contrariando o marido, salvou a pequena de um fim pior. Mas nada como o tempo para curar as feridas, tanto da carne quanto da alma, pelo menos, parcialmente.

Os empregados da fazenda sabendo que João estava voltando da pesca, vão até o cais a beira do rio para contar-lhe o ocorrido. João ao saber da crueldade que Manoel fizera, sai em disparada, ao chegar na casa grande ele pergunta:

— Onde está a criança recém-nascida?

— Ela foi colocada no paiol e está em cima das palhas, responde a avó. Chegando ao local ele retira a camisa que estava usando e envolve a pequena e a leva para mãe. João enfurecido, com que Manoel fizera, vai ao seu encontro e firmemente assevera.

—Sr. Manoel, quando eu quis assumir a sua filha, eu já sabia, que ela estava esperando um filho e eu, assim mesmo a quis, o senhor, não tem o direito de fazer o que